

# VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA

Nº 10 - ANO IV

## VISAGENS NAS ESTRADAS

### A Penitente

WISEU - PARÁ

### O Camioneiro

CAPANEMA - PARÁ

### O Porfiador Noturno

SÃO CAETANO DE ODIVELAS - PARÁ

### O Pau-de-Arara

SÃO CAETANO DE ODIVELAS - PARÁ

### Uma Viagem Diferente

BR-316 - PARÁ

## MAIS:

Deu no Jornal...!

V Feira Pan-Amazônica do Livro

V IFNOPAP

I Festival Brasileiro de Folclore do Pará

# WALCYR MONTEIRO



560-39592  
-14606-

# BAR DAS VISAGENS E ASSOMBRACÕES

AÍ WALCYR, PAGA MAIS UMA...

xii!! SUJÔ.

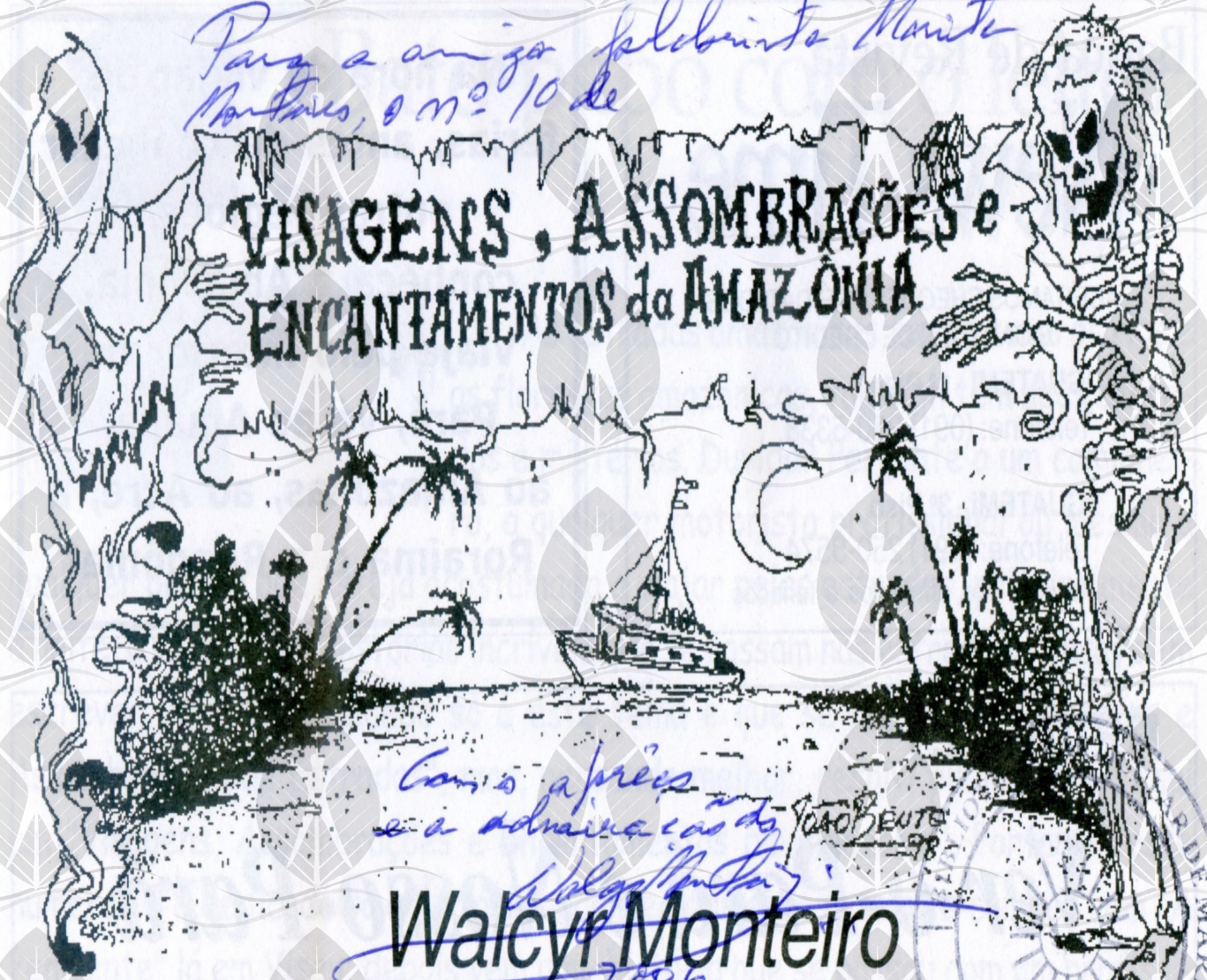


AGORA, QUERO  
VÊR ELE CONTAR  
HISTÓRIA.

Walcyr Monteiro no traço de João Bento

*Para a amiga plebeína Monte  
Monteiro, nº 10 de*

# VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



*Com o apoio  
e a administração de*

JOÃO BENTO  
1998

*Walcyri Monteiro*  
**Walcyri Monteiro**  
2006



"As lendas são a poesia do povo; elas correm de tribo em tribo, de lar em lar, como a história doméstica das idéias e dos fatos; como o pão bento da instrução familiar.

... mas o povo crê, e não convêm destruir as fábulas do povo.

... Este cultivo dos mitos, não é, talvez, o aguardar laborioso das verdades eternas?"

Machado de Assis

"Os Imortais", publicado em 18 de setembro de 1859 em O Espelho.

*Amm*  
1468

Banca de Revista

# News Time

ACEITAMOS CHEQUES PRÉ-DATADOS  
E CARTÕES DE CRÉDITO

IGUATEMI - 1º Piso

Telefone: (091) 250-5338

IGUATEMI - 3º Piso

Telefone: (091) 250-5574

Abrimos aos domingos e feriados

**Na hora de viajar de  
férias, antes de conhecer  
outras regiões,  
conheça a Amazônia.  
Viaje pelo interior do  
Pará, vá ao Amapá,  
ao Amazonas, ao Acre, a  
Roraima e a Rondônia!**

## REVISTAS

# *Ver-o-Pará e Nosso-Pará*

**A FORMA BONITA DE NOS CONHECER**

*Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia - Nº 10 - Outubro/ 2001*

Publicação de WALCYR MONTEIRO.

Editor: WALCYR MONTEIRO - Reg. nº 48-DRT-PA.

Ilustrações das histórias: João Bento • Digitação e revisão: Paulo Maués Corrêa

Editores eletrônicos: Augusto Henrique • Capa: ilustrações de João Bento

Impressão: Smith Produções Gráficas • Correspondências: Caixa Postal 1563

Belém-PA - CEP: 66017-970 • Fone: (091) 222-3384 • e-mail: [walcyr@supridad.com.br](mailto:walcyr@supridad.com.br)

# Bate-papo com o leitor



As estradas amazônicas, assim como os rios e as florestas amazônicas, também têm seus segredos e mistérios. Duvida? Pergunte a um camioneiro, a qualquer motorista profissional ou mesmo a qualquer pessoa que esteja acostumada a viajar pelas estradas, principalmente à noite, e você ouvirá histórias incríveis que se passam nas estradas. Pensava em escrever um livro dedicado só a este tema e que se intitularia "Visagens e Assombrações de Estradas", mas, pensando melhor, resolvi publicar logo aqui em "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia". Portanto, este numero 10 é dedicado só a histórias acontecidas em estradas e começa com "A Penitente" lá em Viseu; depois vem uma história que se passou com um profissional do volante ("O Camioneiro") em Capanema; segue-se a de um rapaz que gostava de porfiar à noite ("O Porfiador Noturno") em São Caetano de Odivelas; a que vem a seguir é a de um carro visagento ("O Pau-de-Arara", transporte ainda hoje utilizado em certos interiores amazônicos), num local que já fez parte de S. Caetano de Odivelas e hoje é um município autônomo, que é São João da Ponta; e finalmente você acompanhará Walter Vasconcelos, um amigo meu recentemente falecido, fazendo "Um Viagem Diferente". As histórias se passaram todas no Pará e você só precisará de um bom carro para me acompanhar nas estradas.

Na seção "Deu no Jornal...!", você lerá a história de mortos que vieram buscar uma amiga.

Finalmente, no noticiário, informações do V Encontro do Ifnopap (O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense), da V Feira Pan-Amazônica do Livro e do 1º Festival Brasileiro de Folclore do Pará.

Informações sobre palestras nos colégios e feiras culturais você verá no próximo número, que já vem a caminho.

Um forte abraço do caboclo papa-chibé

Walcyr Monteiro

**ILUSTRAÇÕES** - as deste número 10 são de autoria de João Bento, nascido em Belém do Pará, dia 15 de abril de 1961. Filho do engenheiro Stélio Souza e sua mulher Cleide, João Bento tem dois filhos: Gabriel e Cristiano. Sempre gostou de desenhar. Já realizou oficinas no Curro Velho, no Centur, no Banco Central, no SESC e em escolas públicas e privadas, com os projetos Gibi na Escola e A Biblioteca Vai à Escola. Participou dos seguintes salões de humor: Canindé, Ceará; Teresina, Piauí; Santa Maria, Rio Grande do Sul; Belo Horizonte, Minas Gerais; Brasília, DF. Exposições individuais: Iguatemi Variarte I - Centur, Charges de Natal - Centur; Brasil Musical - Sesc; Forró do Tio Bento - Museu do Círio; História do Cartum no Pará - Centur; Mulher - Esse bicho bom e esquisito - Centur; Rir é o Melhor Remédio - Bar Resumo; Desenhos Juninos - Sesc. Colaborador dos jornais PQP e A Província do Pará. Entre outras, João Bento ilustrou as capas dos livros "Visagens e Assombrações de Belém" e "As Incríveis Histórias do Caboclo do Pará", de Walcyr Monteiro, bem como o nº 3 desta série.

# A Penitente

Quem, por dever de trabalho ou por qualquer outra razão, precisa viajar constantemente utilizando as estradas de rodagem sempre tem o que contar. Os motoristas profissionais que o digam! Dificilmente o serviço se torna rotineiro; cada viagem sempre tem as suas particularidades, o que a torna única, mesmo quando o percurso percorrido já foi realizado várias vezes. O que torna cada viagem única são os acontecimentos que são vistos ou dos quais se participa. É um pneu que fura, é um defeito qualquer no carro ou outro qualquer problema que mostra que o ser humano, quando quer, sabe ser solidário. Sim, porque nestas ocasiões sempre aparece alguém para ajudar é, às vezes, daí nasce uma boa amizade. São os desastres que são vistos, são os auxílios prestados, são os casos cômicos, são os irritantes congestionamentos causados por um sem número de motivos, são os pedidos de "carona", enfim, seria um não acabar mais tentar demonstrar por que cada viagem é única para os profissionais do volante. Se as viagens são à noite, então aí é que muita coisa pode acontecer... E se esta noite cai numa sexta-feira, então nem é bom falar! É claro que há uma certa dose de exagero na afirmação precedente, porém, se fizermos uma série de entrevistas com trabalhadores rodoviários, veremos que a maior parte de determinados casos acontece exatamente numa sexta-feira. Quando dizemos "determinados casos", não estamos nos referindo a possíveis visões de objetos voadores não identificados (que acontecem também), não estamos nos referindo a possíveis encontros com extraterrestres (do que igualmente se tem notícias), nem tampouco a paralisação do motor, sem razões aparentes ou causadas por energias ou raios desconhecidos. Ah! você já viu onde queremos chegar e acertou em cheio. É exatamente a isto que estamos querendo nos referir: às visagens e assombrações. Quantos e quantos casos você já ouviu de aparições, visagens ou assombrações nas estradas? Na verdade, não há como contar, até porque nem todas as histórias estão registradas.

Mas são numerosos não somente os casos de fantasmas humanos, como também os de carros-fantasmas...

- Norberto e Geraldo seguiam viagem pela rodovia federal Pará-Maranhão, no sentido inverso, ou seja, vindo de Carutapera, no lado maranhense, para o Município de Viseu, no Pará. Era uma noite invernosa e ambos só pensavam em chegar ao seu destino, a vila de Curupati, situada às margens do Rio Piriá, já na estrada que liga Bragança à cidade de Viseu. Deveriam tomar o ramal que une as duas estradas, que passa por Vila Amadeu, e foi exatamente o que fizeram. Iam conversando sobre os mais variados assuntos, desde o campeonato nacional de futebol, passando pela inflação brasileira, as farras que tinham feito e, como não podia deixar de ser, sobre mulheres. Falavam animadamente, auto-comparando-se aos marinheiros.

- É, meu irmão, não é só o pessoal de marinha que tem uma mulher em cada porto. O motorista bom de lábia tem, se quiser, não uma em cada porto e sim uma em cada cidade. Já pensaste? E o pessoal que viaja pro sul? Este então nem se fala! E quando que uma mulher vai saber da outra? Não tem nem condições... E o motorista ainda leva uma vantagem sobre o pessoal de marinha, pois está em terra o tempo todo e não precisa fazer jejum.

- É isto aí. O cara só não arranja mulher se for abestado, respondeu Geraldo, enquanto olhava, pela janela, para o lado de fora. - Ei, disse, liga a máxima aí! Estás vendo o que estou vendo?

- O que, Geraldo?

- Olha aí na frente. Uma dona andando pela estrada. Vai mais devagar.

Norberto ponderou que estavam com pressa mas, ante à insistência de Geraldo, foi diminuindo a velocidade da caçamba, uma C-10, cabine dupla.

A mulher seguia como quem ia em direção a Vila Amadeu e sequer olhou para o veículo e menos ainda para seus ocupantes. Norberto levou o veículo em marcha lenta, praticamente acompanhando os passos da mulher, que não tomava conhecimento da pre-





sença do carro. Andava como se ali nada houvesse. Geraldo, cabeça para fora da janela, começou a gracejar.

- Ei, minha filha, não quer carona? Você está a pé porque quer. Venha com o papai aqui, que a gente lhe arranja lugar.

A mulher continuava a andar sem olhar para Geraldo.

- Vamos lá, boneca, você já andou muito. Venha descansar este lindo bumbum no estofado do carro. Ninguém vai lhe fazer mal.

Olhando sempre para a frente, como se nada ouvisse, a mulher seguia seu caminho.

- Ó, dona, deixa de se fazer de gostosa. Não quer vir, não venha. Mas pelo menos responda. Mostre que tem educação. Não custa nada dizer: - Não, obrigado.

Imperturbável, a caminhante sequer o olhou.

- É, vamos embora que esta dona não quer nada. Vai ver que é metida a virgem. Onde já se viu? Recusar carona uma hora destas e nesta estrada?

Instintivamente, ambos olharam para seus respectivos relógios. Sabiam que já era tarde da noite, só não pensaram que já ia quase ao meio. Realmente, os relógios acusavam onze horas e cinquenta minutos.

- Égua, o que faz uma dona andando numa estrada desta a esta hora da noite?

Norberto havia trocado as marchas da caçamba e já desenvolvia a terceira marcha, deixando a mulher muito para trás.

- Sei lá. Sei que perdemos alguns minutos preciosos e...!!!

Norberto não terminou a frase. O carro, de repente, como se todos os parafusos estivessem frouxos, começou a fazer um barulho horrível.

- Mas que diabo é isto?

- Freia, freia... disse Geraldo, nervoso.

- Mas, como, se o freio também não está pegando...?

- Mas não estava tudo funcionando direito agora mesmo?

- Estar, estava. E, enquanto falava, Norberto fazia verdadeiras acrobacias para segurar o volante, que ora puxava para a direita, ora para a esquerda, como se a caçamba estivesse totalmente descontrolada. - Isto foi de repente, e nem posso imaginar o que esteja acontecendo!!

Norberto e Geraldo estavam arrepiados, suando frio e com uma sensação total de insegurança, esperando bater a qualquer instante. Pior que a iminência do desastre em si era a sensação de mal-estar que ambos sentiam.

- Norberto, puxa o freio de mão...!

- E tu pensas que já não tentei? Não funciona...

- Vai diminuindo as marchas. Faz aquilo que no sul chamam freio-motor...

- Geraldo, não tem nada funcionando direito neste carro. E não sei como estou ainda controlando a direção, a qual já deves ter notado está totalmente frouxa...

- Norberto, vê o que podes fazer. Eu não quero morrer aqui no meio desta estrada, neste fim de mundo, longe de todos. Por favor, salva a gente...

O tom suplicante de Geraldo era de dar dó em qualquer um.

- Geraldo, tu viste este carro sair da oficina hoje. Estava todo ajustado, todo 100%. Não faço a menor idéia do que está acontecendo.

Ao lado de tudo o que ocorria, os faróis também começaram a diminuir a intensidade do foco de luz, para em seguida aumentar de novo, voltando a diminuir, ficando neste aumenta-diminui de intensidade de foco.

- Norberto, por favor, não me deixa morrer... Eu vou já saltar desta droga...!

- Não faz isto, não faz isto que é morte certa. Te agüenta aí, que até o momento estou controlando o carro, não estou? Se te jogares é morte certa... Ei, olha aí um negócio! Este troço começou depois que mexeste com a dona, não foi?

- É, acho que foi sim... Mas o que tem isto? O que tem uma coisa a ver com outra?

- Geraldo, olha em teu relógio que horas são... Do jeito que estou aqui (e Norberto olhava para a direção do carro, na qual suas mãos hábeis estavam como que grudadas) não posso nem olhar para o braço...

- São meia-noite e três minutos...!

- Geraldo, foi aquela dona. Era alguma alma fazendo penitência e tu foste perturbar com as tuas graças... Foi ela que fez isto no carro!

- O quêêêê?!!!

- É isto mesmo, Geraldo. Foi ela, sim. Pede desculpas, anda.

- Mas, como? Ela já ficou muito pra trás, não vai me ouvir...

- Ouve sim! E se não ouvir, também não interessa. Mas pede desculpas pra ela...

- Mas, rapaz! Eu confesso que estou com medo, mas vou me sentir um idiota pedindo desculpas para alguém que nem estou vendo...

- Porra, tu não queres te salvar? Então pede desculpas, e já, que não estou mais agüentando este negócio aqui.

Norberto não apenas estava suando frio, mas também já cansado do esforço que estava fazendo para controlar o carro. E falou de novo, gritando:

- Porra, pede desculpas pra dona, anda!

Geraldo, tentando se segurar, pois o carro ia para um lado e para outro, colocou a cabeça para fora da janela e gritou:

- Desculpa, dona, eu não sabia. Me perdoe. Eu juro que não sabia. Mas não ia fazer nada, não. Ofereci a carona por oferecer... Desculpe se perturbei a sua penitência. Juro que não faço mais isto e ainda vou rezar pela senhora. Me perdoe, viu?

E aconteceu. Tal como antes, de repente, quando o carro pareceu que ia se desconjuntar, também de repente o carro se aprumou na estrada, os faróis ficaram normais, como a caçamba toda parecia toda justa, tal como se tivesse acabado de sair da oficina.

Norberto deu um suspiro de alívio, relaxando os braços e as mãos, um instante antes tensos, no afã de controlar o veículo.

- Não te disse? Aquela dona não era de programa, nem coisa nenhuma. Aliás, não era deste mundo. Era, com certeza, uma alma fazendo a sua penitência para encontrar a paz. Tu foste perturbar e deu no que deu. Eu sei destas coisas porque meu pai sempre falava a respeito de almas penitentes, cada uma com uma missão diferente, mas todas em busca de evolução espiritual. Vê se daqui pra frente respeitas mais estas coisas...

- Tudo bem, tudo bem! Só que deves ver também que eu não sabia...

- Como tu mesmo notaste, o que uma mulher ia fazer numa estrada deserta desta? E neste horário? Só podia ser coisa do outro mundo...

- Tá bem, Norberto. E tu também deves imaginar que eu não ia mexer com uma alma. Ainda mais sendo uma alma penitente...!

# O Camioneiro

Não se dava conta de chegar ao destino. Depois de cinco dias de viagem cansativa, não via a hora de tomar banho, deitar e dormir até não querer mais. Saiu de São Paulo com uma carga, cuja parte era destinada a Fortaleza e o restante a Belém. Foi primeiro à capital do Ceará e, após entregar a carga ali, demandava-se a Belém pela Pará-Maranhão. Apesar do cansaço, vinha feliz. Como a maior parte dos camioneiros, amava sua profissão. Gostava realmente de "pôr o pé na estrada" e correr o Brasil afora. Para não dizer que conhecia todo o País, restava-lhe ir a Roraima, porque o restante já havia pelo menos "passado por lá". Ao Pará, já tinha vindo várias vezes. E, além de rodar com seu caminhão, gostava das amizades que fazia nas mais diversas cidades, vilas e aldeias. Tinha seus postos certos para abastecimento, bem como os dormitórios de beira de estrada já pré-determinados, isto tudo de acordo com a hora. Sim, porque, conforme as condições da estrada, a maior ou menor visibilidade, era escolhido determinado local para dormir ou determinado posto para abastecer. Conhecendo quase todos, tinha as suas preferências. Mas, continuando, o motorista viajava feliz. E sua felicidade era em função de que restavam poucas prestações para quitar o caminhão. Geraldo fazia suas contas de quantas viagens mais precisaria fazer para livrar-se, de uma vez por todas, das parcelas que todo mês tinha que desembolsar para, finalmente, poder dizer "é meu" em relação ao caminhão, seu meio de vida. E, quem sabe? Seria uma questão de se preparar para dar mais conforto à família ou então continuar "apertando o cinto" e dar

entrada em outro caminhão, e, já com dois, com maiores lucros, até mesmo pensar numa pequena frota. - "É isto aí, tenho que aproveitar o vigor da idade e fazer um certo sacrifício pra depois pensar numa velhice mais folgada".

Como sonhar não custa nada, vinha fazendo planos de vida. Já se imaginava até dono de uma empresa de transportes de carga quando cruzou a ponte sobre o Rio Gurupi, ingressando em território paraense. Aí, calculou: - "Se correr, dá pra dormir em Belém". Eram cerca de 19 horas e, em seus cálculos, com mais quatro horas de viagem chegaria ao destino, ou seja, às 23 horas, o que permitiria ter um bom repouso e facilitaria para descarregar, no dia seguinte, logo de manhã, e ainda procurar frete de retorno.

Geraldo sentou o pé no acelerador. Com a rapidez possível cruzou o Município de Viseu e em seguida o de Ourém, passando a trafegar em Capanema. Após passar a cidade, já quase alcançando a fábrica de cimento, o motorista sentiu que o volante puxava ligeiramente para a direita.

- "Não é possível", pensou. Mas era! O que a experiência de vários anos de estrada lhe fizera pensar era exatamente o que tinha acontecido, ou seja, o pneu dianteiro da direita começara a esvaziar. O que significava que devia estar furado.

Mil imprecações soltou Geraldo. - "Porra, vai me atrasar, principalmente se ainda for ao borracheiro fazer o conserto. Mas também ir até Belém sem 'socorro' é um risco meio sério, principalmente com a estrada nestas condições". Pensou na família e procurou acalmar-se, visto que não adiantaria estar vociferando contra coisa nenhuma. Afinal, são coisas que acontecem e já estava mais que acostumado.

Parou no acostamento, se é que se pode chamar de acostamento o que leva esse nome naquele trecho da rodovia federal. Buscou macaco, chave de roda e o mais necessário para a troca. Quando havia feito isto e ia iniciar o trabalho de retirada do pneu semi-esvaziado, ouviu a voz ao seu lado:

- "Que prego chato, hein, companheiro? Acho que nada é mais chato que prego de pneu, principalmente à noite..."

Não tinha visto ninguém às proximidades. Mas é claro que deveria ter! O homem que estava parado ao seu lado não podia ter surgido do nada.

- "É..." foi o que conseguiu dizer, meio sem graça. Afinal, estava ali impaciente, aborrecido e ainda aparecia aquele sujeito chato para perturbar. Mas logo se arrependeu do que pensou quando o homem voltou a falar.

- "Companheiro, sou seu colega de profissão. Sou camioneiro também. E tô notando que você tá cansado. Deixe eu ajudar..."

E sem esperar resposta, pegou a chave de roda e, manipulando-a, foi afrouxando o pneu. Colocou em seguida o macaco e fez a troca, ante a surpresa do motorista.

Ao término do trabalho, Geraldo falou agradecido: - "Porra, muito obrigado, meu irmão. Você quebrou um grande galho. Na verdade tô cansado paca. Vim de São Paulo, via Fortaleza, e pouco descansei. Você me ajudou muito. Muito obrigado, mesmo!"

- "Ora, você não tem o que agradecer. Tamos aqui pra isso mesmo. Temos que ajudar um ao outro. Você tá indo pra onde? Pra Belém?"

- "É, tô indo pra lá".

- "Pode me dar uma carona?"

- "Mas, ainda pergunta? Claro que posso. E só com a ajuda que me deu, você já fez por merecer..."

- "Olhe, você tá muito cansado. Não quer que eu leve o caminhão?"

Geraldo pensou rapidamente naquele momento em assalto. Mas também rapidamente afastou o pensamento. Se fosse assalto, não viria um só, e os que viessem estariam armados e não iam dar toda aquela colher de chá. Seu companheiro de profissão já lhe tinha sido útil e queria continuar a ajudar. E foi assim que aceitou a oferta do desconhecido. Guardaram as ferramentas, o pneu furado e entraram na boléia do caminhão, o desconhecido ao guidão e o camioneiro como acompanhante.

Geraldo acompanhou atentamente o outro ligar o motor, arrancar e ir mudando as diversas marchas do caminhão com uma perfeição que parecia familiarizado inteiramente com aquele motor. Trocou algumas palavras, conversa própria de camioneiro, perguntou como tinha ido parar ali, em Capanema ("tive que resolver um assunto inesperado aqui. Mas tô de volta a Belém pra pegar um caminhão") e sentiu o sono chegar. É claro que se estivesse dirigindo, isto não aconteceria, pela atenção que a estrada exige. Mas com um motorista confiável ao lado o corpo relaxou, e ele foi sucumbindo ao sono. O companheiro reparou:

- "Pode dormir à vontade. Não se preocupe. Descanse e deixe o resto comigo".

E Geraldo dormiu mesmo. Quando deu acordo de si, já estavam passando Castanhal. O motorista olhou o relógio: não era possível! Só faziam quarenta minutos que haviam deixado Capanema. Era preciso que o caminhão tivesse voado. Falou para o companheiro:

- "Você é um grande motorista. Um excelente volante...!"

A resposta fez Geraldo enregelar.

- "Imagine quando eu era vivo...!"

O motorista desmaiou e não se lembra de mais nada. Foi despertado por outro camioneiro.

- "Ei, companheiro, se você quer dormir, vá pra um dormitório ou pelo menos pra um posto. Parado, aqui, na beira da estrada, você tá arriscado a ser assaltado. Não brinque com coisa séria".

O caminhão estava no acostamento, porém nem sombra do seu companheiro de viagem. Aí, Geraldo relatou o que havia lhe acontecido. Então soube, pelo colega que o havia acordado, que há algum tempo atrás, no trecho onde havia furado o pneu, um desastre matara um camioneiro, por sinal, um excelente volante...





# O Porfiador Noturno

Todos conhecem ou pelo menos já ouviram falar em São Caetano de Odivelas, simpático município do nordeste paraense, conhecido, entre outras coisas, pela sua hospitalidade (esta comum a todo interior amazônida), pelo seu famoso Boi Tinga e pelo não menos famoso Festival do Caranguejo. Neste evento, o crustáceo é consumido sob inúmeras formas de preparo e é bastante apreciado, tornando o Festival muito concorrido. Há gente que se desloca dos mais diversos lugares para participar e até mesmo em outras épocas só para degustar o caranguejo de São Caetano. Aliás, há os que se dividem a respeito do caranguejo mais gostoso: se o de São Caetano ou se o de Bragança. Mas não estamos aqui para entrar nesta disputa e sim para tratar de outra coisa...

Chega-se à sede do Município de São Caetano a partir da estrada da Vigia, através de uma entrada à direita no sentido Belém-Vigia. E é nesta estrada que se conta que ocorreu uma história... como classificar?... visagenta?... assombrosa?... de terror?... ou sem nenhuma conotação com alguma destas expressões?

Bem, eu vou contar a história e o leitor que tire suas conclusões e classifique como quiser...

Benedito... ou seria outro nome? Não interessa e é o que menos importa aqui... por isso vai ficar sendo Benedito. Como eu ia dizendo, Benedito foi passar um sábado com os familiares em São Caetano. Depois de muitas horas agradáveis em que todos se divertiram e comeram caranguejos a valer, decidiu voltar, porém alguns insistiram em "ficar mais um pouco". Um queria comer mais um caranguejo, outro queria tomar "só mais uma cerveja", outro ainda queria tomar a "última batida de limão". E nesta brincadeira

acabaram entrando pela noite, até que Benedito fez valer sua palavra de dono do carro: quem quisesse ir com ele, que fosse, quem não quisesse, podia ficar, lembrando porém que ali não havia nenhum hotel e as hospedagens que conhecia estavam todas lotadas e não seria agradável dormir na rua!

Diante de argumento tão convincente, acompanharam Benedito, que entrou no carro e, todos alojados, deu a partida. Saíram alegremente conversando sobre o dia agradável que tinham passado, já falando em voltar.

Chegavam quase ao meio do caminho quando Benedito notou que era seguido à distância por outro veículo. Estranhou. Não tinha visto ninguém na cidade que estivesse de carro e com disposição para viajar à noite. Porém, pensando melhor, achou que o carro poderia ter saído de alguma propriedade situada às margens da estrada. Continuou dirigindo normalmente. O outro carro desenvolvia velocidade maior e aproximava-se velozmente.

Todos tiveram a atenção voltada para o veículo que vinha atrás. Um dos familiares de Benedito comentou:

- Será que este cara aí vai querer apostar corrida uma hora desta numa estrada tão estreita?

Mal completou a frase e Benedito replicou:

- Comigo, não, violão! Não sou doido. Se quiser porfiar, vai porfiar sozinho, que eu não estou nessa não.

E dizendo isto diminuiu a velocidade de seu carro, a fim de deixar o outro veículo passar.

Eles viram as luzes dos faróis se aproximarem, estarem quase em cima do carro em que iam, e, quando Benedito chegou totalmente para a direita da estrada a fim de dar passagem, quando pensou que o porfiador o ultrapassaria e poderia seguir calmamente naquela estreita estrada, simplesmente, na hora da ultrapassagem, o outro veículo sumiu.

- Ei, o que aconteceu? Cadê o carro?



- Desapareceu. Sumiu debaixo dos nossos olhos, disse apavorado Dirceu. Meu irmão, toca este carro e vamos embora daqui.

Estavam todos boquiabertos. Olhavam para trás e nada viam. Para frente, a luz dos faróis só focalizava a estrada e a vegetação... O outro veículo, que eles nem saberiam dizer o que era - se automóvel, se pick-up, se camionete, se um carro maior - desaparecera como que por encanto.

- Aquele carro era mal-assombrado...!

- Poxa! Já pensaram se eu pego corda e resolvo porfiar com ele? Era capaz de nos arreventarmos todos.

Foi com bastante medo, para não dizer aterrorizados, que chegaram ao seu destino, um pequeno sítio na estrada da Vigia, onde passaram a noite.

No dia seguinte, contaram aos amigos e demais pessoas sua estranha aventura noturna, com um porfiador que desaparecera... E então ficaram sabendo que, de vez em quando, o misterioso porfiador aparecia naquela estrada... que parecia desafiar aos mais corajosos... que seria o espírito de um rapaz que morreria anos antes em desastre automobilístico tentando fazer uma ultrapassagem...

Benedito e seus familiares voltaram muitas vezes a São Caetano de Odivelas. Porém nunca mais fizeram a viagem de volta à noite... Não era medo não! Só não queriam encontrar o porfiador noturno, que desapareceria na hora da ultrapassagem...!

**Você assiste televisão?  
Escreva para a TV que você  
assiste pedindo  
programas regionais!**

# O “Pau-de-Arara”

Francisco Carvalho Ferreira, 63 anos de idade e 38 de motorista, é um homem respeitador, sério, correto, pontual e, sobretudo, que ama sua profissão. Pelo seu comportamento e suas atitudes, mais parece personagem tirado das atuais telenovelas, tal as maneiras fidalgas com que age, dignificando a profissão e, ao mesmo tempo, orgulhando-se dela. Talvez fruto de mais de vinte anos de trabalho no Consulado Americano, onde trabalhou diretamente com diversos cônsules. Depois, Francisco esteve “de passagem” numa construtora, para em seguida servir no Instituto de Terras do Pará - ITER-PA, órgão fundiário paraense, onde já atua há 14 anos e sempre junto à presidência do órgão. Mas Francisco nem sempre viveu em Belém. Nascido em Vila Nova, pequena localidade do Município de São Caetano de Odivelas, morou sua infância, adolescência e parte da juventude naquelas paragens, até tornar-se motorista. Aí, resolveu correr mundo e rodou muitos milhares de quilômetros nas estradas paraenses, principalmente nas regiões Bragantina e do Salgado.

É Francisco Ferreira, um verdadeiro aristocrata do volante, o contador da estranha história de um “pau-de-arara” que, para os que não conhecem, não se trata do ponto de apoio da famosa ave amazônica, mas sim de um tipo de transporte, geralmente um caminhão, que conduz passageiros, às vezes passageiros e cargas. É um veículo desconfortável, muito utilizado no Nordeste Brasileiro e que começou a ser usado no Pará pela intensa migração de nordestinos para a Região Amazônica. Ao longo da carroceria do caminhão são colocadas tábuas, que funcionam como bancos ou assentos, nos quais os passageiros acomodam-se apertando-se uns ao lado dos outros, acotovelando-se, transformando o veículo em autêntica lata de sardinhas. Isto sem falar nos que, não conseguindo lugar, vão em pé mesmo. Quando o veículo vai com certa velocidade e que precisa

frear repentinamente, é um "Deus nos acuda". Pessoas caem umas sobre as outras, as que estão sentadas, por falta de apoio, também são atiradas para a frente e, após o veículo parar, têm que se organizar tudo outra vez.

Conta Francisco que, na década de 50, as poucas estradas paraenses eram estreitas e seus leitos de piçarra. Não havia linhas de ônibus regulares ligando Belém às diversas localidades interioranas, a não ser às sedes dos municípios, estes em número bem menor. Então era um sacrifício para os habitantes das vilas e dos povoados, que, como se dizia - e diz ainda - moravam no interior do interior. Tinham de submeter-se a viajar de "pau-de-arara" e, ainda assim, uma única vez por dia e em único horário. Os habitantes de São João da Ponta e Vila Nova, localidades do Município de S. Caetano de Odivelas, também sofriam com toda aquela situação, mais ainda porque tinham de andar a pé até a estrada de Curuçá, para aí, então, na parada de Mocajubinha, poderem apanhar o veículo que os transportaria até Belém. E foi na parada de Mocajubinha que aconteceu um fato estranho, até hoje não explicado, que os usuários do "pau-de-arara" daquela linha presenciaram durante algum tempo. Sim, porque hoje não acontece mais...

Naquela época, um "pau-de-arara" fazia a linha Curuçá-Belém e passava na estrada do mesmo nome, na parada do Mocajubinha, entre 4 e 5 horas da manhã. Às vezes antecipava, às vezes atrasava, obrigando os passageiros a ficarem de sobreaviso desde as 3 horas da madrugada. Tinham mais sorte que moradores de outras localidades: o "pau-de-arara" que fazia aquela linha não levava cargas, há não ser a bagagem dos passageiros. Portanto, a viagem era menos desconfortável. Então, durante algum tempo, aconteceu das pessoas estarem esperando o ansiado transporte, sonolentos, algumas até mesmo dormindo, quando se ouvia o som característico do motor do caminhão ao longe. Ia aumentando, o que significava que estava se aproximando, e começava a se divisar o clarão na estrada proveniente da luz dos faróis. Depois, estes mesmos eram vistos e então se preparavam para o embarque. Os que estavam dormindo eram acordados e todos aguardavam a chegada do "pau-de-arara". Este avançava em marcha normal e,





quando todos esperavam que parasse e pudessem enfim tomar seus lugares para a viagem a Belém, eis que o veículo, à medida que se aproximava, ia sumindo, sumindo, até desaparecer totalmente, ante os olhares incrédulos de quantos presenciavam... Não é preciso dizer o que acontecia: uns desistiam da viagem, outros viam naquilo um mau presságio, enfim, era um desnorteamento só... Momentos depois tudo se repetia, só que desta vez era mesmo o "pau-de-arara" real... E todos comentavam o acontecido...!

O fato se repetiu mais de uma vez. E o "pau-de-arara" misterioso, ou melhor, visagento, corria sempre no trajeto Curuçá-Belém, mais precisamente no trecho Km-39 Mocajubinha...

Segundo Francisco, os moradores mais idosos da época atribuíam o fenômeno a um motorista, dono de um caminhão que fazia aquela linha e muito amava a profissão, bem como gostava do que fazia e de servir as pessoas... Só que já morrera há algum tempo, em desastre, justamente naquele trecho...!

**Você escuta rádio?**  
**Peça aos radialistas para**  
**tocarem músicas de autores**  
**e cantores amazônicos!**

# Uma Viagem Diferente

Diziam os antigos:

- A pressa é a inimiga da perfeição...!

E eu acrescento: - Principalmente se a pressa é nas estradas e se quer correr a mais de 100 Km/h. E o melhor exemplo disto é o recente desastre que ceifou a vida da internacionalmente conhecida Princesa Diana, da Inglaterra.

Walter de Jesus Vasconcelos nasceu em São Luís, no Maranhão, mas vive em Belém desde 1958. Empresário há cerca de trinta anos, já possuiu empresa também em S. Luís, para onde sempre viaja.

Espiritualista, Walter é muito conhecido entre os estudiosos de terapias alternativas, sendo inclusive o presidente de CENPA - Centro de Pesquisas de Terapias Alternativas e Energéticas "René Nunes".

Corajoso, quer no plano físico quer no espiritual, Walter viajava sozinho a serviço de sua empresa, tanto para o interior do Pará como para outros Estados, principalmente o Maranhão. E foi numa destas viagens, já de retorno a Belém, que aconteceu:

"- Foi no início da década de oitenta. Eu possuía uma firma em São Luís e tinha que viajar todos os meses para lá, a fim de acompanhar os negócios. Na volta, saía normalmente às 6 da manhã e chegava em Belém por volta das 5 da tarde. Neste dia, quando eu ia saindo, houve um problema, meu carro quebrou e quando eu consertei já era bem mais tarde. Vinha pela estrada Pará-Maranhão, pensando no reencontro com a família. Parei em Capanema para abastecer já de noite, bem tarde, e continuei com o pé no acelerador, correndo na média de 140/150 Km/h, pensando sempre na família, para a qual não

pudera telefonar comunicando o atraso da viagem, e que, em consequência, devia estar preocupada comigo.

Era depois da meia-noite. Eu ia passando pelo Município de Santa Isabel do Pará, bem defronte do templo da Seicho-No-Iê, quando senti uma pessoa sentada ao meu lado. Eu neste tempo era bem forte, e a pessoa, um homem, no caso, era tão forte quanto eu. Pressionou o meu ombro com uma firmeza tão grande que meu pé folgou do acelerador, diminuindo imediatamente a velocidade, que dos 140/150 Km baixou para 60/70 Km. Enquanto isso, eu - apavorado, por que negar? - pensava em mil e uma coisas ao mesmo tempo. Seria um ladrão? Seria um espírito brincalhão? Quem ou que seria aquilo? Concentrei-me na direção do veículo, enquanto procurava ordenar meus pensamentos. Ladrão? Não, não poderia ser. Em Capanema, minha última parada para abastecer, não saí do veículo, nem abri a outra porta. Falei com o frentista pela janela do meu lado. E depois, se ladrão fosse, não iria esperar chegar até Santa Isabel para se manifestar. Aí pensei na outra hipótese: um espírito brincalhão. À medida que fui racionalizando, fiquei mais calmo e perdi aquela sensação de pavor. Era uma sensação bem desagradável. Não sei se tenho inimigos, mas, se os tiver, não desejo isto para o pior deles.

Continuei a viagem com aquele ser do meu lado. Era só aumentar a velocidade e sentia o seu ombro massudo contra o meu, fazendo a velocidade diminuir automaticamente. Passado o primeiro impacto e eu já sabendo que não era nada físico, ou melhor, do mundo físico, procurei puxar conversa. É bem verdade que não tive coragem de olhar diretamente. Olhava apenas de esguelha. Sabia que era um homem, que vestia um safari igual ao que eu usava, que era forte, mas não tive coragem de olhar para cima. Por quê? Sei lá! Acho que tive medo de, de repente, ver um buraco no lugar da cabeça ou então ver uma caveira e me aterrorizar e perder a direção. Mas, como eu dizia, procurei puxar conversa. E disse: " - Olhe, eu não estou com medo, porque não tenho medo de visagem. Se quer me dizer alguma coisa, diga, se tem alguma mensagem, fale, se tem algum pedido a fazer, faça, que procurarei atender na medida do possível".

Tentei umas quatro vezes, e o ser não respondeu. E assim continuei a viagem, com aquela carona que toda vez que aumentava a velocidade ou cochilava - sim, esqueci de dizer que às vezes cochilava quando dirigia de madrugada ou depois do almoço - empurrava-me com aquele seu ombro massudo. Fui até o posto da Rodoviária Federal, onde tive vontade de parar e falar o que acontecera. Mas aí pensei, "eles vão achar que estou bêbado". E não parei. E também o meu estranho acompanhante não estava mais lá. Tal como veio, assim se foi...! Ah! Devo dizer que havia um fluxo muito grande de carros em sentido contrário, ou seja, de Belém para Castanhal. Era um fluxo anormal. Depois vim a saber que naquela noite houve em Belém um jogo de futebol entre Castanhal e um outro município, daí todo aquele movimento. Quer dizer que se eu cochilasse ou tivesse um outro vacilo qualquer, com certeza seria um desastre com muitos mortos... Bom, foi uma sensação de alívio quando cheguei à entrada de Belém. Dali para casa (Walter mora no bairro do Marco) era um pulo só...

Naquela época, reunia um grupo de amigos para discutir assuntos espirituais no qual os integrantes relatavam suas experiências. O líder do grupo era Emanuel Vasconcelos, que já morreu. Quando contei minha história, ele explicou que o personagem não era outro senão o meu anjo guardião, que me protegeu, pois ainda não tinha cumprido totalmente minha missão na terra. De início não aceitei muito a idéia, mas hoje estou convicto de que ele estava certo, ou seja, foi realmente o meu anjo da guarda que me salvou de um horrível desastre, desastre este que enlutaria muitos lares, inclusive o meu...".

Walter Vasconcelos concluiu dizendo que daquela data em diante não mais viajou sozinho para a estrada... também não mais viajou nas velocidades em que costumava viajar, pelo contrário, procurou disciplinar-se nos oitenta quilômetros permitidos por lei. Afinal, já diziam os antigos, "a pressa é a inimiga da perfeição", e eu acrescento, principalmente nas estradas...

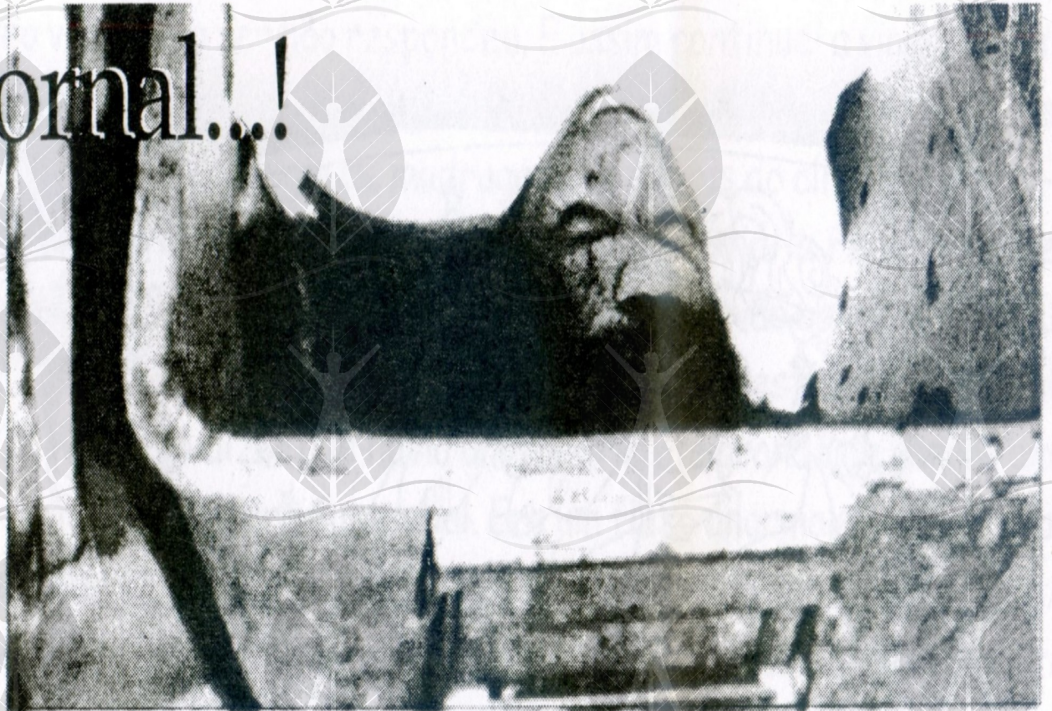


Portanto, leitor, ao dirigir nas estradas, faça-o descansado e sem sono. Não corra muito... Afinal, você pode estar se arriscando a um horrível desastre e não ter a sorte do Walter Vasconcelos de o seu anjo guardião estar por perto...!

**NOTA DO EDITOR:** Quando escrevi esta história, em 1997, Walter Vasconcelos estava vivo, daí os verbos estarem no presente do indicativo, como na frase "Walter mora no bairro do Marco". Faleceu dia 1º de novembro deste ano de 2001. Ou seja, segundo ele disse acima, depois de ter cumprido totalmente sua missão na terra...

# Deu no Jornal...!

Existem amizades verdadeiras, em que as pessoas se acostumavam umas com a companhia das outras, que não sabem mais viver sem a presença do amigo ou da amiga. Você tem amigos assim, que só sabem estar na sua companhia? Então, cuidado! Por quê? Para que aquele que morrer primeiro não venha buscar o outro, como aconteceu com a pessoa no noticiário aí ao lado, do Jornal Diário do Pará, de terça-feira, 8 de junho de 1999...



Corpo de Luzenira é removido para o IML depois da perícia no local

## SOBRENATURAL

### Mortos fazem mulher se enforcar

Luzenira da Silva Canudo, paraense, solteira, 29 anos de idade, que morava na Travessa Souza Franco, casa 239, fundos, em Icoaraci, amanheceu morta na força ontem. Ela enforcou-se completamente despida, no interior de sua casa, um quarto de habitação coletiva onde morava sozinha, sendo seu corpo encontrado por volta de 07h30.

Populares pediram auxílio aos soldados C. Braga e Luz, da Polícia Militar, os quais pediram que as pessoas se afastassem para não prejudicar o trabalho

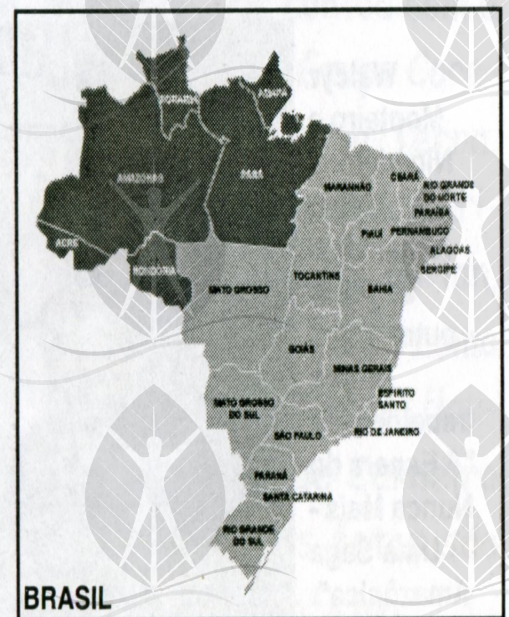
da perícia e, em seguida, acionaram a Polícia Civil de Icoaraci, para a tomada de providências, como pedido de levantamento de local e remoção do corpo para exames de necropsia no Instituto Médico Legal Renato Chaves. Os trabalhos iniciais se encerraram por volta de 10h45, quando o cadáver de Luzenira foi finalmente retirado do local, já envolvido em lençóis.

Segundo dados fornecidos por pessoas que conheciam Luzenira, ela já havia tentado contra a própria vida outras duas vezes. Ela agia assim sempre que bebia, mas o

detalhe importante no que falaram vizinhos da jovem, é que Luzenira passou a sentir-se assim perturbada, depois de ter presenciado quando dois colegas seus foram mortos pela Polícia. Segundo as testemunhas, os amigos de Luzenira queriam levá-la para o além e diziam a ela que só se conformariam quando todos estivessem juntos de novo.

A vontade dos mortos - entendem os vizinhos, - foi feita, pois ela se pendurou em seu quarto, com uma corda de náilon.

# Localize aqui onde as histórias acontecem



# V Feira Pan-Amazônica do Livro



Walcyr Monteiro apresentando-se no Café das Letras.

De 14 a 23 de setembro foi realizada a V Feira Pan-Amazônica do Livro. Como nas versões anteriores, o evento revestiu-se de brilhantismo. Nas fotos, o registro de nossa participação na Feira.



A poetisa Josete Lassance Maia, autora de "Galeria dos Maus", e Walcyr Monteiro.

Walcyr Monteiro e Nicodemus Sena, jornalista e escritor, autor, entre outros trabalhos, de "A Espera do Nunca Mais - Uma Saga Amazônica".





# 1º Festival Brasileiro de Folclore do Pará

Foi realizado, em Belém, de 20 de junho a 1º de julho de 2001, o 1º Festival Brasileiro do Pará. O evento ocorreu em diversos espaços culturais e contou com concurso de Bois Bumbás e Quadrilhas Roceiras, apresentações de grupos folclóricos, shows, palestras, mesas redondas e oficinas. entre estas últimas esteve a de Mitos e Lendas da Amazônia, para a qual foi convidade



Karla



Grupo Coreográfico Filhos da Terra

para ser instrutor Walcyr Monteiro, que contou com a colaboração do Grupo Coreográfico Filhos da Terra. Apresentaram-se os dançarinos Leonardo, Karla, Mirian, Elaine e Heloisa, tendo como músicos Regina Lopes (flautista) e Solange Carneiro (percussão). As fotos são ilustrativas da oficina.

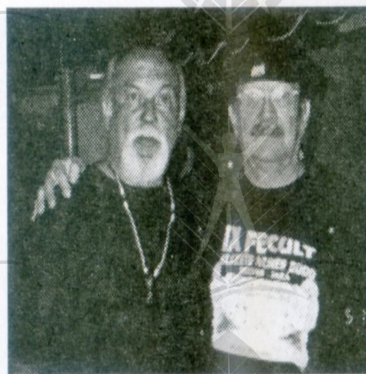
# V Encontro do IFNOPAP



Mais uma vez, com o mesmo brilhantismo dos anos anteriores, aconteceu o Encontro do Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense - IFNOPAP (Projeto da UFPA), neste ano de 2001, de 25 de julho a 1º de agosto, na sua quinta versão. Sempre a bordo do NM Catamarã-Pará, o evento foi realizado na Ilha do Marajó, tendo sido visitadas as cidades de Breves, Muaná, Ponta de Pedras e Soure, locais onde também foram realizadas palestras. O evento, que já se constitui programação obrigatória no calendário cultural do Pará, foi mais uma vez coordenado pela competência da professora Maria do Socorro Simões.

Walcyr Monteiro, quando fazia sua palestra sob o tema "Heranças Portuguesas: maiores do que pensamos". Foram palestrantes também a Dra. Ria Lamaire (França), o Prof. Roberto Benjamin (URPE, Presidente da Comissão Nacional de Folclore e coordenador da mesa), a Dra Mundicarmo Ferreti (UFMA), o Prof. Severino Vicente (Comissão Norte-Riograndense de Folclore) e o Dr. Sérgio Ferreti (UFMA).

Professor  
Heraldo  
Maués, Walcyr  
Monteiro e  
João de Jesus  
Paes Loureiro.

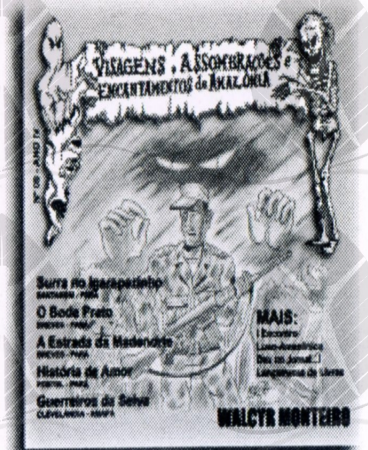
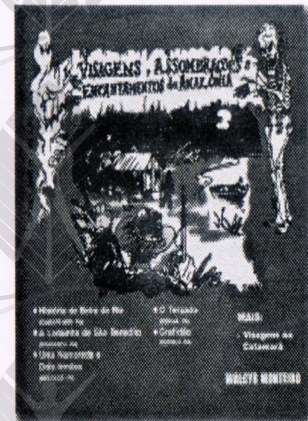
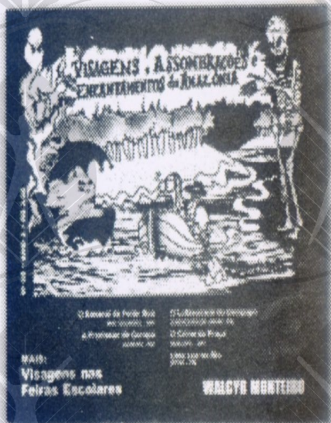


O compositor  
Nego Nelson, que  
alegrou o V  
IFNOPAP nas  
horas de  
recreação, e  
Walcyr Monteiro.

A artista plástica  
Vivianne Menna  
Barreto, de São Paulo,  
que fez exposição de  
seu trabalho no V  
IFNOPAP, e Walcyr  
Monteiro.



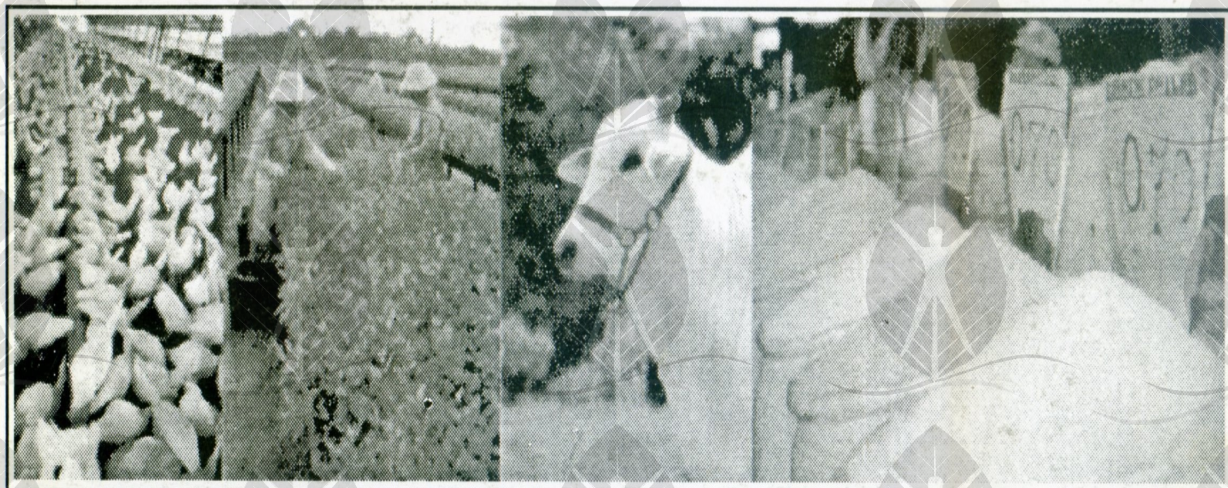
# Números atrasados...



**EM BELÉM:** BANCAS DE REVISTAS NEWS TIME, NO SHOPPING IGUATEMI; LIVRARIA CASTANHEIRA, NO SHOPPING CASTANHEIRA; LIVRARIA MARAJÓ, NO AEROPORTO INTERNACIONAL DE BELÉM; LIVRARIA JINKINGS e BANCA DO ALVINO.

**EM SANTARÉM:** LOJA REGIONAL MUIRAQUITÃ

# ISTO NÃO É LENDA!



**É o resultado da aplicação dos recursos do FNO!**



**BANCO DA  
AMAZÔNIA**

*O primeiro e único banco da Amazônia*



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA